

E NÃO TINHAM SENÃO UM PÃO COM ELES MESMOS

A incompreensão dos discípulos em Mc 8,14-21

Celso Loraschi

Somando forças com um grande grupo de pessoas, tenho empenhado boa parte de minha vida, fundamentalmente, na formação bíblica com as lideranças na Igreja Católica da Diocese de Lages, situada na região serrana – Planalto Central de Santa Catarina. O método de leitura popular da Bíblia tem despertado energias adormecidas capazes de nos lançar, com renovado entusiasmo, na tarefa de refazer utopias e construir relações novas. Pessoas, grupos e comunidades, a partir da releitura bíblica, afirmam-se como sujeitos históricos, engajados na defesa e promoção da vida. A partir da Palavra – lida, aprofundada e celebrada em comunidade – vence-se o medo, a submissão, a resignação, o machismo, a dominação, o autoritarismo... A Palavra se faz carne nas diversas organizações e movimentos sociais, pastorais, ministérios... Ela se faz carne no empenho de superação dos preconceitos de raça, de sexo, de religião... Faz-se carne na militância político-partidária, na participação dos conselhos municipais, na defesa dos direitos humanos, no exercício da cidadania...

Apesar destes sinais positivos que apontam para a presença do Reino de Deus no meio de nós, há um grande caminho a percorrer. A região serrana de Santa Catarina, além de ser uma das regiões mais frias do país, é a mais empobrecida do Estado. As condições de miserabilidade atingem até mesmo os pequenos agricultores. As migrações são constantes. O analfabetismo em alto índice. Além das relações familiares marcadas fortemente pela violência; as relações sociais e políticas historicamente estigmatizadas pelo coronelismo; as relações religiosas pelo clericalismo. É um povo em clamor¹. Sua situação de vida inquieta, interpela, questiona, incomoda e desacomoda.

O presente estudo tem como ponto de partida a realidade deste povo, na solidariedade com todas as pessoas, vítimas da exclusão social. Com o desejo no coração de aprofundar e fortalecer o novo modo de ser Igreja e contribuir na construção da sociedade querida por Deus, justa e fraterna, quero levantar a questão da *incompreensão dos discípulos* em Mc 8,14-21. O texto, a partir do original grego, pode ser traduzido assim:

¹⁴*E haviam se esquecido de levar pães e não tinham senão um pão com eles mesmos na barca.* ¹⁵*E recomendava-lhes, dizendo: “Abri os olhos, tomai cuidado do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes”.* ¹⁶*E discutiam entre eles mesmos porque não tinham pães.* ¹⁷*E percebendo, diz-lhes: “Por que discutis por não terdes pães? Ainda não entendeis*

1. Cf. *Diretrizes e Orientações Pastorais da Ação Evangelizadora, 2000-2003*, Diocese de Lages-SC.

nem compreendeis? Tendes endurecido o vosso coração? ¹⁸Tendes olhos, não vedes e tendes ouvidos, não ouvis? E não lembrais, ¹⁹quando parti os cinco pães entre os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços levantastes?” Dizem-lhe: “Doze”. ²⁰“Quando os sete entre os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços levantastes?” E dizem-lhe: “Sete”. ²¹E dizia-lhes: “Ainda não compreendeis?”

Este relato expressa um forte momento de conflito na vida de Jesus com seus discípulos. O momento é narrado com tanta vivacidade que a gente não consegue deixar de se sentir envolvida por aquela cena, junto com os discípulos, remando naquela barca e silenciando pensativa ao ouvir da boca de Jesus aquele surpreendente “puxão de orelhas”, através de sete perguntas sucessivas. É a ponta final do fio condutor de uma crise de importância vital para as comunidades de Marcos.

Entende-se que este fio condutor é tecido pela prática de Jesus na Galiléia, em favor da vida do povo, contrapondo-se ao sistema de pureza dos fariseus e à política do império, representado por Herodes. A palavra-chave, reveladora desta prática de Jesus, é “pão/pães”. Ela aparece freqüentemente na chamada “seção dos pães”: Mc 6,6b–8,21². Os discípulos, apesar da evidência de um caminho novo introduzido por Jesus, não conseguem segui-lo porque estão corrompidos (cegos, surdos e empedernidos) pela ideologia do Templo e do império. Isto precisa ser aprofundado.

1. A advertência de Jesus

Conforme se pode perceber, as palavras de Jesus em Mc 8,14-21, introduzidas de forma abrupta, imediatamente após a constatação do esquecimento de pães e da presença de *um só pão* na barca, revelam uma postura de desacordo: Jesus e os discípulos estão em lados opostos. Jesus manifesta que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir de forma totalmente diferente dos discípulos. A sua intervenção indica uma posição de *autoridade*. O imperativo caracteriza esta atitude. É uma autoridade diferente daquela exercida pelos rabinos oficiais. A autoridade de Jesus não depende de nenhuma concessão humana ou institucional. Daí as interrogações levantadas ao longo do evangelho de Marcos: “com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te concedeu tal autoridade para fazê-las?” (cf. Mc 1,12; 2,7; 4,41; 6,2s; 11,28). O comportamento dos discípulos diante da advertência com autoridade, de Jesus, é desconcertante: eles simplesmente não ouvem. Daí a necessidade de uma nova e forte intervenção de Jesus.

A finalidade do texto é exortativa: pretende conduzir o leitor/ouvinte a refletir e a tomar sua própria posição. Para isso, a intervenção de Jesus fundamenta-se na tradição deuteronômico-profética. A temática dos “olhos que não vêem e dos ouvidos que não ouvem” baseia-se nos profetas Jr 5,21, referindo-se ao “povo insensato e sem inteligência”, e Ez 12,2, referindo-se à “casa de rebeldes”. A expressão “coração endurecido” é encontrada várias vezes na Primeira Aliança, referindo-se à obstinação dos po-

2. Normalmente os estudiosos dividem o Evangelho de Marcos em duas partes, subdivididas em três seções cada uma (cf. TILLESSE, Caetano M. de. Evangelho segundo Marcos, in: *Revista Bíblica Brasileira*, vol. 9, 1992, p. 4-104).

derosos, cujas atitudes impedem a ação de Javé em favor do seu povo (cf. Ex 4,21; 7,13; 8,11; Dt 2,30). Mas o contexto mostra que as pessoas que estão redigindo este texto estão se valendo de Is 6,10, onde a pregação do profeta esbarra com a incompreensão dos seus ouvintes. O tema da “recordação” é tipicamente deuteronômico, visando manter viva a memória do povo a respeito das obras libertadoras de Javé (cf. Ex 13,3; Dt 32,1-43).

A advertência de Jesus é uma tentativa de fazer emergir nos discípulos uma nova consciência, em dois momentos distintos: 1) Chamada de atenção a respeito do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes (8,15); 2) Exortação aos discípulos para que ativem a memória a respeito das ações de Jesus em favor da vida das pessoas necessitadas (8,17-21).

2. Os destinatários da advertência de Jesus

Embora, no original grego, não apareça nenhuma vez a palavra “discípulos” em Mc 8,14-21, não há dúvida de que estão contemplados no pronome “eles”. São os mesmos que testemunharam as duas multiplicações de pães (cf. 6,30-44; 8,1-9), fato que reforça o motivo da forte crítica pela sua falta de memória: não lembrais (8,18-21)? A questão que se levanta é se estes “discípulos” correspondem aos “doze”. A seguir busca-se a resposta para esta dúvida, identificando os seguidores de Jesus no evangelho de Marcos.

2.1. Os dois grupos de seguidores

A comunidade de Marcos está integrada por dois grupos de seguidores³: o *primeiro* formado pelos seguidores que procedem do Israel institucional, chamado de “os discípulos” (2,15.18.23; 3,7a.9) e mais tarde constituídos como Israel messiânico sob o símbolo de “os doze” (3,13-19). Há um *segundo grupo* de seguidores formado por pessoas não pertencentes à instituição judaica. Este grupo não é chamado de “discípulos” e é representado pelos “muitos publicanos e pecadores que também estavam com Jesus” (2,15) e, mais ainda, com “a multidão sentada em torno dele” (3,32) que, ao segui-lo, estabelece com Jesus um estreito vínculo familiar (3,35). Junto ao grupo não institucional encontram-se ainda as mulheres e as crianças: são a nova família de Jesus, que se abre à humanidade inteira. O chamamento de Jesus é o mesmo, tanto para os israelitas como para os não israelitas. O verbo “seguir” é comum aos dois grupos e condensa o mesmo conteúdo.

2.2. Relações entre os seguidores israelitas e não israelitas

Tanto ao grupo israelita como ao não israelita Jesus comunica o segredo do Reino de Deus e ambos se distinguem do grupo constituído pelos “de fora” (4,11), que são os que se opõem à novidade da proposta de Jesus. Ambos os grupos – “os que estavam junto dele com os Doze” – interrogam a Jesus a respeito das parábolas, demonstrando uma comum incompreensão (4,10). A partir da explicação da parábola da semente

3. Cf. MATEOS, J.J. *Los “doce” y otros seguidores de Jesús en el Evangelio de Marcos*.

(4,13-25), o grupo não israelita se torna independente dos “Doze” e não volta a mostrar incompreensão, enquanto estes, ao longo do caminho com Jesus, demonstram crescente incompreensão.

O lugar social de origem de cada um destes dois grupos é distinto: os “discípulos/os Doze” procedem do âmbito dominado pela instituição judaica simbolizada por “a aldeia”, da qual devem sair para não voltar a ela (cf. 8,22-26), e “o grupo ao redor dele” procede de regiões periféricas (cf. 6,54-56), contrapostas à “aldeia” (8,23.26; 11,2) e à “cidade” (14,13), âmbito do Israel institucional.

O segundo grupo, designado várias vezes com o termo “a multidão” (5,24b. 27.30.31; 7,14.17.33; 8,34; 9,27), demonstrando que é grande o número de pessoas que o compõem, não está integrado à instituição judaica e, por isso, revela grande acolhida ao ensinamento de Jesus. Não necessita de explicações privadas como acontece com o primeiro grupo. Também não necessita testemunhar a cura do surdo-mudo, representante do grupo dos discípulos (cf. 7,31-37). A cura deste surdo-mudo se dá em local privado, longe da “multidão”, pois esta não necessita “abrir os olhos” como precisam fazer os discípulos, cegos pela ideologia da instituição judaica.

Outras vezes, o grupo não israelita é representado por pessoas individualmente ou coletivamente, como: o “paralítico e seus quatro carregadores”, símbolo da inteira humanidade (2,3); “uma criança”, modelo dos seguidores de Jesus (9,36s); “alguém” que expulsa demônios sem ser do grupo dos discípulos (9,38); “os pequeninos que crêem” e não devem ser escandalizados (9,42); as “crianças” trazidas até Jesus para que ele toque nelas (10,13); “certa mulher” hemorroíssa que se aproxima e toca na roupa de Jesus (5,25), bem como “uma mulher” que se aproxima da mesa onde se encontra Jesus e o unge com perfume caríssimo (14,3). Em todas estas passagens percebem-se atitudes de resistência e hostilidade por parte do grupo dos discípulos/os Doze.

Os dois grupos aparecem com Jesus no caminho para Jerusalém, no contexto do terceiro anúncio da paixão (10,32). É significativa a designação de “os seguidores”, em contraste com “os discípulos/os Doze”, pois indica que estes, apesar de acompanharem Jesus, ainda não o seguem. Isto fica demonstrado com o que vem logo depois pelo pedido dos filhos de Zebedeu, pela explicação de Jesus e pela cura do cego, representante dos Doze (cf. 10,35-52). A distinta qualidade de adesão a Jesus entre os dois grupos tem seu ponto culminante na comparação de duas figuras representativas de cada um deles: Simão Pedro e Simão Cireneu. Enquanto o primeiro renega a Jesus por não ter conseguido renegar-se a si mesmo, o segundo solidariza-se com Jesus, carregando a cruz com ele.

2.3. O grupo das mulheres

Menção especial merece o discipulado das mulheres em Marcos. Elas pertencem ao grupo não israelita e dominam todo o conjunto do evangelho: “Com a sogra de Simão estamos no começo do relato (1,29-31). Ao concluir-se o texto, na última seção, é marcante a presença das mulheres. É como se a quisesse tomar como uma grande mol-

dura para todo o relato, uma grande inclusão (cf. 15,40-41.47; 16,1-8). Além disso, a última seção do texto é claramente emoldurada pela mulher: abre-se com a unção na ceia de Betânia (14,3-9) e fecha-se com a unção na sepultura (16,1). O momento decisivo de Jesus é o momento da presença das mulheres. Prenunciam seu gesto de “quebrar” o corpo e “derramar” o sangue (cf. 14,3.22-24) e são chamadas a anunciar o Evangelho cujo conteúdo fundamental corresponde a seu próprio gesto (cf. 14,9; 16,7).

A seção que se inicia com a escolha dos doze novos patriarcas conclui-se com duas narrações sobre a restauração da mulher que vem ocupar seu papel central de mãe, geradora do novo povo das Doze tribos (cf. 3,13-19; 5,21-43). Jesus, princípio do novo povo, é o filho de Maria (cf. 6,3). Finalmente, homem e mulher são chamados a formar uma comunidade de iguais, onde tem de haver lugar privilegiado para pobres, crianças e servos (cf. 10,1-12). Por isso, a figura da mulher pobre e viúva é apresentada como modelo de doação total, precisamente no ponto culminante do conflito de Jesus com o Templo (cf. 12,40-44)”⁴.

As mulheres, assim como os Doze, seguem a Jesus desde a Galiléia até Jerusalém (cf. 15,40s). Ao contrário do que acontece com os discípulos, elas não recebem nenhuma crítica da parte de Jesus. Suas ações demonstram a compreensão que não se encontra nos discípulos/os Doze. Como expressa E. Fiorenza: “Não os Doze e sim as mulheres provam que são os verdadeiros discípulos de Jesus, em Marcos. As mulheres não somente acompanham Jesus em seu caminho para o sofrimento e a morte, como além disso fazem o que ele viera fazer, isto é, servir (*diakonein*, cf. 10,42-45 e 15,41). Enquanto os doze discípulos são incapazes de entender e aceitar o ensinamento de Jesus, de que ele devia sofrer, é uma mulher que demonstra esta percepção e age de acordo com ela (14,3-9). Em Marcos, os atos dela são a causa imediata da traição de Jesus por um dos Doze (14,10s). Este contraste entre os Doze e as mulheres do discipulado insinuaria que, na Igreja de Marcos, as mulheres apostólicas eram consideradas como discípulas exemplares de Jesus, e tinham seus lugares entre os líderes do movimento de Jesus, na Palestina”⁵.

Ana M. Tepedino identifica estas mulheres seguidoras de Jesus em duas categorias: “as que estavam no meio da multidão que acompanhava Jesus na sua jornada para Jerusalém e um grupo menor: Maria Madalena, Maria Mãe de Tiago e José e Salomé”. Estas são apresentadas como se estivessem num grupo maior, conforme se percebe pela formulação da frase: “Ali estavam algumas mulheres. Entre elas Maria Madalena, Maria e Salomé” (Mc 15,40). Estas três “corresponderiam ao círculo menor dos discípulos, constituído por Pedro, Tiago e João. O fato de três serem nomeadas confirma que pertencem ao círculo interior e que elas seguiam Jesus habitualmente”⁶.

4. Cf. SOARES, S.A.G./JÚNIOR, J.L.C. *Evangelho de Marcos I*, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 92s.

5. Cf. FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de Iguais. Uma Ekklesia-logia Feminista Crítica da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 128.

6. Cf. TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 88s. A autora ainda explica o motivo pelo qual as mulheres são explicitamente citadas como discípulas somente na morte de Jesus: “porque é naquele momento que o verdadeiro sentido do discipulado e do seguimento pode ser compreendido” (p. 88).

2.4. Os discípulos/os Doze em Mc 8,14-21

O contexto em que se encontram os discípulos/os Doze se caracteriza como de *missão*, visto que eles foram enviados por Jesus no início da “seção dos pães” (6,6b). Encontram-se agora em travessia, numa barca, do lado judeu para o lado pagão. Foram enviados como Israel messiânico que deve estar aberto à humanidade inteira. Porém, o seu comportamento que se manifesta na incompreensão das palavras e ações de Jesus, demonstra que as pretensões que movem suas vidas não correspondem exatamente à proposta de Jesus.

As palavras-chave que revelam a *incompreensão dos discípulos* em 8,14-21 estão ligadas aos sentidos do corpo humano: “olhos, ouvidos e coração”. Elas aparecem em estreita ligação com o verbo “entender/compreender”. Há vários outros textos, na primeira parte do evangelho, onde aparecem estas palavras e revelam em que consiste esta temática da incompreensão: eles não conseguem entender o ensinamento de Jesus na parábola da semente (4,10-13); participam da multiplicação dos pães e, no entanto, não entendem nada a respeito dos pães porque seu coração está endurecido (6,52); não entendem o ensinamento de Jesus a respeito da pureza e impureza: não é o exterior que contamina as pessoas, mas o que vem de dentro delas (7,1-23).

Há ainda outros textos que mostram mais conflitos/incompreensões por parte dos discípulos/os Doze: eles querem que a liderança de Jesus possa satisfazer seus anseios de fama e poder junto ao povo (1,35-39); eles têm medo e falta de fé ao atravessarem o mar da Galiléia para o lado dos gentios: não conseguem perceber que a proposta de Jesus é o caminho de novo relacionamento entre judeus e estrangeiros (4,35-41); demonstram insensibilidade, indiferença e cegueira frente à mulher necessitada que toca em Jesus (5,25-34); diante da multidão faminta, eles não entendem o significado da frase de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (6,30-44); também não sabem o que fazer diante da “inviabilidade prática” de saciar com pão tanta gente (8,1-10).

3. A causa da incompreensão

A *incompreensão dos discípulos* denota um modo de pensar que tem origem no sistema religioso-político da Palestina. A instância política e a instância religiosa viviam perfeitamente articuladas. Os fariseus e Herodes, citados por Jesus em Mc 8,15, são os representantes diretos deste sistema, mantido através de um “fermento” que contamina os próprios discípulos de Jesus.

De fato, a presença de Deus no mundo e sua ação de libertação na história humana só podem ser reconhecidas por aquelas pessoas que se distanciam dos poderosos – sejam fariseus ou Herodes – que se arrogam o direito de vida ou morte sobre os que eles consideram impuros e/ou ofensivos à ordem estabelecida. O afastamento deve ser não apenas em relação ao lugar social deles (como fez Jesus em 8,10-13) mas, sobretudo, em relação ao seu modo de pensar, ou seja, ao seu “fermento”. Jesus alerta os seus discípulos para que possam dar este passo, com consciência e liberdade.

4. Rumo a uma nova ordem social

O apelo de Jesus à memória das duas multiplicações dos pães constitui a chave para a saída do estado de incompreensão em que se encontram os discípulos/os Doze, tendo em vista a construção de uma nova ordem social (8,18c-20). Esta proposta de Jesus insere-se no contexto missionário que se desenvolve, de modo especial, ao longo da “seção dos pães” (6,6b–8,22), em que os discípulos deveriam aprender com Jesus a superar a mentalidade separatista entre “puros e impuros”; deveriam recordar e atualizar o significado das duas multiplicações dos pães para a nova prática que devem adotar em suas vidas; e devem entender o sentido profundo do “único pão” sem fermento existente entre eles para nunca mais voltar a adotar os pães fermentados dos fariseus e de Herodes.

4.1. Os discípulos em missão

A “seção dos pães” inicia com Jesus percorrendo os povoados vizinhos e enviando os Doze em missão (6,6b-7). Estes foram escolhidos por Jesus depois que ele foi ameaçado de morte pelos fariseus e herodianos (3,1-6). Por longo tempo, os discípulos ficaram com Jesus, vendo como ensinava e se relacionava com a multidão, especialmente com as pessoas mais excluídas da sociedade, e receberam instruções em particular. Marcos faz questão de salientar que eles são associados à mesma missão de Jesus, desde a sua eleição: “E constituiu os Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (3,14-15).

Depois de outra situação crítica de rejeição à sua pessoa e à sua prática pelos seus conterrâneos de Nazaré (6,1-6), Jesus decidiu intensificar sua ação, enviando os Doze. Percebe-se aqui, novamente, que eles estão associados à mesma pregação de Jesus, que, vindo para a Galiléia, proclamava: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus aí está. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (1,14-15). Assim também os Doze, “partindo, eles pregavam que todos se arrependessem” (6,12). A mesma prática de Jesus é também assumida pelos Doze: Jesus “curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios...” (1,34). Os Doze “expulsavam muitos demônios, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo” (6,13).

Nesta etapa, os discípulos devem aprender a atuar sem a presença do Mestre, pregando e realizando suas obras (6,7-13); devem ter consciência de que serão perseguidos e mortos, como Herodes fez com o profeta João Batista (6,14-29); sair do comodismo e do escapismo para colaborar diretamente na organização do povo faminto, tanto o de origem judaica (6,34-44), como o de origem pagã (8,1-9); navegar sozinhos sobre o mar, com vento contrário, em direção a uma terra pagã (6,45-48); superar o medo e confiar na presença de Jesus (6,49-52); percorrer toda a região, acolhendo e organizando o povo doente (6,53-56); superar a ideologia do “sistema de pureza” dos fariseus (7,1-23); superar fronteiras e estabelecer relações de mútua aprendizagem com estrangeiros (7,25); livrar-se da concepção triunfalista/nacionalista de Messias própria do sistema farisaico (8,11-13).

4.2. Pobreza e hospitalidade

As recomendações precisas de Jesus aos seus discípulos (6,8-11) visam preveni-los de qualquer impedimento à missão, como o acúmulo de bens materiais que dificultaria a mobilidade e a liberdade de aceitar a hospitalidade de quem quer que fosse. A pobreza radical é expressão de quem se entrega totalmente à tarefa missionária e confia plenamente na providência divina, dando assim credibilidade ao conteúdo de sua pregação. Jesus quer que seus seguidores saibam acolher a hospitalidade de tal maneira que se evite qualquer suspeita de finalidade lucrativa da missão.

Para que a hospitalidade seja acolhida na liberdade e se estabeleça o diálogo e aprendizagem mútua, é necessário que os discípulos se desvencilhem das amarras do sistema de pureza dos fariseus que impõe barreiras entre os judeus e pagãos, entre ricos e pobres, entre sãos e doentes, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, enfim, entre os puros e os impuros.

Esta ideologia que impregnava a vida dos israelitas, desde o seu nascimento até à morte, atingia, sobretudo, as pessoas que não tinham condições de entrar no sistema religioso, cheio de normas, impossíveis de serem praticadas pelo ser humano comum.

O sistema de pureza tem sua origem na época do exílio da Babilônia e se fortalece no pós-exílio, através da escola sacerdotal, visando a conservação da identidade do povo que se encontrava sob o domínio estrangeiro (babilônios, persas, gregos). O elemento mais negativo do sistema de pureza é “a deformação da imagem de Javé e das relações com seu povo: o Deus libertador agora se converte na ameaça de seu povo, que cobra seus direitos como qualquer poder dominante; todos os israelitas terão que pagar o resgate por sua vida, ameaçada pela presença de Javé no meio deles, para que não haja praga; é uma espécie de ‘imposto’ de meio siclo, que servirá de ‘memorial’ diante de Javé para que respeite suas vidas (Ex 30,11-16). O Deus atento ao mínimo clamor do pobre agora necessita de um ‘memorial econômico’ para não lhe tirar a vida. O motivo da libertação muda também substancialmente: ‘E eles conhecerão que eu sou Javé, o Deus deles, que os fez sair do Egito *para habitar no meio deles*’ (Ex 29,46). Há uma desconcertante mudança de sentido: o Deus que velava pelos direitos do oprimido agora não tem olhos senão para seus próprios direitos ameaçados pela existência mesma do homem impuro na proximidade de seu santuário”⁷.

Os limites da terra da Palestina constituíam lembranças bem claras da separação do povo de Israel. Esta “separação” se aprofundou imensamente no período do pós-exílio, no projeto sacerdotal do segundo templo. A *terra* de Israel se tornou um símbolo de relevância fundamental, junto com o *Templo* e a *Torá*, para a conservação da identidade do povo judeu. Como expressa bem S. Freyne, referindo-se à época de Jesus: “o objetivo principal do símbolo, o cuidado e a preocupação de Deus para com Israel, estava em perigo grave de ser distorcido numa ideologia geradora de violência, xenofobia e isolacionismo”⁸.

7. Cf. GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 66.

8. Cf. MYERS, C. *O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 101s.

Jesus transformou radicalmente o significado dos maiores símbolos do povo israelita, inspirando-se na primitiva ordem ecumênica e universal, representada pelas Doze tribos de Israel. O povo de Israel se formou a partir de grupos marginais que se organizaram contra a exploração das cidades-estado e formaram uma ‘confederação intertribal igualitária’, independente de raça. Este é “o contexto do fenômeno sócio-religioso que chamamos ‘Aliança’, e é a matriz do núcleo de leis que regularam a convivência dos que, mediante ela, são constituídos como povo de Deus. Assim surge um estatuto de relações que possibilita a existência de condições para a igualdade: condições de tipo econômico (limitação da propriedade, direito indiscutível da terra familiar, perdão de empréstimos), de tipo político (liderança de Javé como princípio relativizador de todo poder, prescrições em torno do escravismo e da defesa dos direitos do pobre), e de tipo religioso (proscrição da idolatria). O fundamento dessa moral igualitária é a misericórdia libertadora de Javé; o que garante a vida do povo é a ajuda mútua como exigência de Javé, que não quer nada para si, mas que na história se realize seu projeto em favor do homem. A síntese da lógica da Aliança poderia ser: ‘Se eu olhei por ti quando sofrias, olha tu por teu irmão que sofre’”.⁹

Também os profetas levantaram suas vozes a favor da ação salvadora de Deus para todos os povos. Jesus, certamente inspirado nestas vozes, não atacou diretamente o símbolo da terra, mas transformou o seu sentido, abrindo as fronteiras e estabelecendo diálogo e comunhão com todas as pessoas, excluindo a lei como condição de salvação e manifestando um posicionamento crítico em relação aos que se apoiavam na “eleição de Israel”¹⁰.

Percebe-se, então, que a crítica de Jesus dentro do contexto missionário em que se situa a perícopes de Mc 8,14-21 sugere que os discípulos devam seguir a postura de seu Mestre e superar a mentalidade separatista para colocar-se numa relação de igualdade com os “estrangeiros”, inclusive partilhando as necessidades e aceitando a hospitalidade onde lhes for oferecida. Neste sentido, a resistência dos discípulos precisa ser vencida também no aspecto que se refere à “honra e vergonha”. Este código, comum especialmente entre os povos do mediterrâneo, busca conservar a reputação social frente aos olhos dos outros. O exercício constante de auto-afirmação tende a levar o indivíduo à conformidade passiva frente aos padrões sociais e a exercer forte vigilância pessoal e de grupo, sobretudo quando o controle externo é intenso¹¹. Ao colocar-se no caminho do seguimento de Jesus, os Doze precisam adotar o procedimento de seu Mestre e aprender a romper com os “códigos” que impedem a vivência da proposta evangélica.

4.3. A memória das multiplicações de pães

O relato da travessia dos discípulos com Jesus em 8,14-21 acontece logo depois da segunda multiplicação dos pães (8,1-10), separado apenas pelo episódio dos fariseus que pedem a Jesus um sinal do céu (8,11-13). Os três momentos estão estreitamente

9. Cf. GALLARDO, C.B. *Op. cit.*, p. 55s.

10. Cf. PIXLEY, J. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 89.

11. Cf. CROSSAN, J.D. *O Jesus histórico*, Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 43-49.

ligados e referem-se à incapacidade, tanto dos fariseus como dos discípulos, de perceber o alcance dos “sinais” concretos de Jesus realizados no meio das multidões.

4.3.1. A “ordem social” que provém da cidade

O fato de não entenderem os “sinais de Jesus” revela que os discípulos ainda estão dominados pela mentalidade própria do sistema político-econômico-ideológico da Palestina do seu tempo.

Na região da Galiléia, o poder secular (Herodes) e o religioso (fariseus) atuam unidos sempre que algum fator ameace a “ordem estabelecida”, em perfeita sintonia com Jerusalém e com Roma. O poder civil liga-se intimamente à questão da riqueza. É necessário criar mecanismos garantidores da opulência da corte de Herodes. Não é por acaso que aparecem tantos doentes, possesos e multidões de desempregados no evangelho de Marcos. “A riqueza material no mundo greco-romano estava distribuída de maneira muito desigual. Uma pequena parte da população possuía uma grande proporção das terras e dos recursos, e a massa de homens e mulheres tinha de se contentar com poucos meios ou lutar com muita dificuldade [...]. Exibição de consumo era estilo de vida requerido pelas classes altas; a riqueza funcionava como prova de *status* social e político, e gastar dinheiro de maneira ostensiva tipicamente parecia mais importante que economizá-lo e investi-lo. Esse tipo de vida de ostentação de consumo certamente requeria bens para consumir, dinheiro para gastar e recursos para explorar”.¹²

Assim, boa parte da população das cidades vivia na miséria, bem exemplificada pela viúva de Jerusalém que jogou no tesouro sagrado toda a sua riqueza, isto é, duas moedinhas (12,42). Percebe-se então a gravidade da denúncia feita por Jesus contra os escribas de Jerusalém que devoram as casas das viúvas e, ao mesmo tempo, exigem um tratamento privilegiado diante da sociedade (12,38-40).

A ideologia da cidade, onde o poder religioso e político têm suas raízes, se estende pelas “aldeias” da Galiléia, obstaculizando “a audição e visão” dos discípulos, os quais vão assimilando o “modo de pensar” das instituições oficiais, tanto civis como religiosas, até como uma forma de sobrevivência num ambiente de permanente pressão. Neste sentido, é ilustrativo o que diz C. Myers: “Para os camponeses galileus, a carga perene do tributo imperial, a pressão social exercida pelas cidades helenistas vizinhas e, ainda, a experiência repetida da retribuição às mãos de legiões romanas teriam sido mais do que suficientes para lançar sementes profundas e bem enraizadas de alienação. Ao mesmo tempo, deve ter havido alienação de classe natural em face da aristocracia nativa, que os camponeses viam não como líder, porém como colaboradora e proprietária de terras”¹³.

A cultura helenista afetou substancialmente a vida das famílias na Palestina. Fundaram-se ou transformaram-se várias cidades e passaram a ser dirigidas por um conselho, cujo governo abrangia todas as vilas que faziam parte do território vizinho. Uma destas cidades é Tiberíades, à beira do mar da Galiléia, construída por Herodes

12. Cf. STAMBAUGH, John E./BALCH, David. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 57.

13. Cf. MYERS, C. *Op. cit.*, p. 119.

Antipas, em honra ao imperador Tibério. Havia um conselho de seiscentos membros. Em suas vizinhanças morava a maioria dos discípulos e Jesus exerceu boa parte de seu ministério.

O modo de administração destas cidades aproxima-se do sistema a que a antropologia econômica dá o nome de “*redistribuição*”, que se caracteriza pela “exploração do trabalho e concentração dos produtos em armazéns (no Templo e no palácio) e redistribuídos aos trabalhadores segundo os cálculos e os interesses dos administradores: o rei e a aristocracia sacerdotal”¹⁴.

Este sistema afasta-se de outro conhecido como o de “*reciprocidade*”, cujas origens remontam à época do tribalismo. Este se caracteriza pela reciprocidade de produtos e serviços entre os membros do mesmo clã. Nas aldeias conservam-se muitos sinais deste tipo de relação econômica. Percebe-se, então, uma clara oposição entre uma comunidade de aldeia, onde se mantêm relações de afinidade e de solidariedade entre seus membros e o Estado classista que se apropria dos produtos e do lucro dos trabalhadores. O movimento de Jesus amplia estas relações de reciprocidade para além dos limites da família e do clã.

Conhecer, mesmo que em linhas gerais, esta organização sócio-político-econômica que foi se introduzindo no mundo galileu torna-se importante para a hermenêutica de Mc 8,14-21, pois aponta para as complexas causas que levam à *incompreensão dos discípulos* frente à proposta de Jesus. Em outras palavras, a administração romano-helenista que se caracterizava pela concentração de bens e pela manutenção das relações de dependência entre os ricos/poderosos e os empobrecidos/enfraquecidos está introjetada na vida dos discípulos e assumida como forma natural de vida¹⁵. Este é um lado da moeda. O outro lado é a tendência de projetar num líder popular as mesmas relações de “clientela” e de dependência existentes na sociedade oficialmente estabelecida, com a esperança de que este líder resolva os problemas pelos quais passam seus seguidores¹⁶. “Sabemos que camponeses sem educação, em larga escala incapazes de articular suas insatisfações, muitas vezes fixavam os olhos nos que se mostravam aptos a expressar em discurso popular uma visão populista. Não é difícil imaginarmos um profeta assim invocando a visão deuteronomica de um sistema distributivo justo e apelando para a tradição subversiva dos grandes críticos sociais proféticos de Israel. Poderia ter sido desenvolvida uma pedagogia para ajudar os camponeses a desmascaram o auto-interesse econômico opressor da hierarquia de Jerusalém, sua estrutura do dízimo, suas normas para o sábado e o Templo”¹⁷.

4.3.2. A “ordem social” que provém de Jesus

O que Jesus propõe, através de sua prática (muito mais do que em palavras)¹⁸ no evangelho de Marcos, é um projeto social alternativo¹⁹, inspirado nas autênticas tradi-

14. Cf. MYERS, C. *Op. cit.*, p. 77.

15. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ¹⁷1987, p. 49. Nesta ótica podem-se interpretar também os textos em que os discípulos disputam o poder entre eles (Mc 9,33-37; 10,35-45).

16. Cf. FREIRE, P. *Op. cit.*, p. 50.

17. Cf. MYERS, C. *Op. cit.*, p. 120.

18. Cf. BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 12.

19. Cf. TEIXEIRA, C. *A importância da mesa de refeição no anúncio da traição: Mc 14,17-21*, p. 143.

ções do povo de Israel que a política romano-helenista foi abafando e o farisaísmo foi deturpando²⁰. A memória das multiplicações dos pães constitui o resgate dessas tradições para o contexto do discipulado de Jesus.

Os dois relatos da multiplicação dos pães (6,30-45 e 8,1-10) têm muita semelhança entre si e se originaram de ambientes culturais diferentes: judeu e grego. Ambos se baseiam num único fato histórico do tempo de Jesus²¹.

Estes relatos da multiplicação dos pães têm como pano de fundo a *tradição profética* de Elias (1Rs 17,7-16)²² e, sobretudo, de Eliseu (2Rs 4,42-44), cuja narrativa tem muita semelhança com a de Jesus. A *tradição mosaica* é outra vertente que atua nestas narrativas de Marcos. Há dois textos com muita semelhança (Ex 16 e Nm 11), especialmente no que se refere à situação de extrema necessidade corporal em que se encontra o povo e à solução que se dá a ela. É um povo que sofreu a escravidão do Faraó. Mas Javé viu sua miséria, ouviu o seu clamor, conheceu suas angústias e desceu para colocá-lo no caminho da libertação (Ex 3,7s). O estado de necessidade em que se encontra este povo no deserto leva Javé, através da intercessão de Moisés, a intervir em seu favor. O alimento aparece no meio deles e todos se saciam em abundância, conforme a necessidade de cada um (16,13-18). No texto de Nm 11 percebe-se outro relato semelhante. Diante da realidade de fome (Nm 11,4), Moisés pede a Javé (11,13), como os discípulos a Jesus (Mc 6,35-36; 8,4), e expõe a situação de impossibilidade de solucionar o problema, devido aos escassos recursos de que dispõem (Nm 11,21s). “Como Javé, Jesus dá de comer a um pessoal desamparado, quando parece que não há remédio para acabar com a fome de tanta gente. Como Javé, Jesus chamou essa gente a romper com toda a classe de escravidão”²³.

Em Mc 6,34 encontra-se a razão da prática de Jesus explicitada no episódio da multiplicação dos pães: “é sua compaixão perante tantas pessoas que eram como ‘ovelhas sem pastor’. Esta frase não corresponde a nenhum texto preciso do Antigo Testamento. É uma maneira muito própria de Marcos”²⁴. A imagem do *pastor* é frequentemente usada nos Salmos e nos profetas e tem sua origem no ambiente cultural do Oriente Médio. A tarefa do pastor consistia em cuidar do rebanho, procurando pastagens e água (Sl 23,2s), o que nem sempre era fácil (Gn 31,40), e exigia muita paciência (Ex 2,16); devia defender o rebanho contra feras e ladrões (1Sm 17,34s). Para isto, o pastor andava munido de cajado (Sl 23,2s; Mq 7,14), cacete e funda (1Sm 17,40.50). Sua responsabilidade é restituir os animais perdidos (Gn 31,39). Marcos, certamente, está ressaltando a função própria das lideranças político-religiosas. Não é por acaso que esta citação é feita após o relato do banquete no palácio de Herodes e no contexto da volta dos “apóstolos” (6,30).

20. Cf. SOARES, S.A.G./JÚNIOR, J.L.C. *Op. cit.*, p. 84.

21. Cf. PALLARES, J.C. *O poder do carpinteiro Jesus no Evangelho de Marcos*, p. 163s.

22. Cf. REIMER, Ivoni Richter. O pão na crise. In: *Estudos Bíblicos*, n. 42, p. 72.

23. Cf. PALLARES, J.C. *Op. cit.*, p. 124s.

24. CANGH, J.M. van. *Op. cit.*, apud PALLARES, J.C. *Op. cit.*, p. 125.

A expressão “estavam como ovelhas sem pastor” denuncia, portanto, o motivo pelo qual o povo se encontra em situação de abandono. Traz à tona alguns textos do AT que aprofundam o sentido que Marcos quer dar aqui: 1) Em Nm 27,17, percebe-se que a escolha de Josué, como sucessor de Moisés, é para fazer a comunidade de Javé “sair e entrar” e “não seja como um *rebanho sem pastor*”; 2) O profeta Ezequiel denuncia as lideranças de Israel porque “se apascentam a si mesmas” e “dominam sobre elas com dureza e violência”; as ovelhas, “*por falta de pastor*, dispersaram-se e acabaram por servir de presa para as feras selvagens” (Ez 34,2-6). Por isso, Javé mesmo vai enfrentar os maus pastores e libertará as ovelhas de suas mãos, reuni-las-á e as apascentará em férteis pastagens (Ez 34,7-16); 3) O profeta Zacarias, em oráculo contra os maus pastores, lamenta o abandono do povo: “eles partiram como ovelhas que sofrem porque *não têm pastor*” (Zc 10,2); 4) Jeremias emprega o termo “pastor” para designar as lideranças (Jr 2,8) que são estúpidas (10,21) e dispersam as ovelhas (23,1-2). É Javé que vai resgatá-las e saciá-las com seus bens e não voltarão a desfalecer (31,11-14); 5) O rei Acab é alvo da crítica do profeta Miquéias, filho de Jemla: “Eu vi todo o Israel disperso pelas montanhas, como um *rebanho sem pastor*” (1Rs 22,17); 6) O Sl 23 tem vários pontos de contato com o relato de Marcos onde o Senhor se torna o pastor de seu povo.

A situação de abandono em que se encontra o povo por causa de política das lideranças oficiais faz Jesus assumir uma prática que provoca crescente conflito com os ideólogos da “ordem social” que provém da cidade. “O que não tem autorização legal para ensinar tem uma prática com autoridade em favor dos que sofrem; por sua vez os que têm autorização legal para ensinar só realizam uma prática ideológica estéril para a vida do povo, por cuja sorte nem se preocupam, ainda que esta lhes tenha sido confiada (cf. 6,34)”²⁵.

Em síntese, “a chave de leitura contida no v. 34 nos indica claramente que o banquete de Jesus deve ser interpretado como alternativo ao banquete dos poderosos, que comem e bebem a carne e o sangue do povo (cf. Am 4,1; Ez 34,2-3.10; Mq 3; Zc 11,4-7)”²⁶. E mais: Marcos tem a intenção de revelar a identidade de Jesus: assim como Javé, no AT, assume a função de pastor para com o seu povo abandonado, Jesus ocupa agora o lugar de Javé, tomado pela mesma compaixão. “Não é de estranhar que nem a multidão e nem sequer os discípulos tenham entendido o que estava em jogo com a multiplicação dos pães”²⁷, especialmente porque eles ainda permaneciam dentro dos esquemas socioeconômicos vigentes²⁸.

5. E tinham um só pão com eles mesmos na barca

Todos os ensinamentos e as ações de Jesus não foram suficientes para “abrir os olhos” dos discípulos a respeito de sua identidade e de sua proposta. Não é por acaso que, dos 19 milagres narrados em Marcos, 17 se encontram antes da confissão de Pedro (8,27-30). Eles devem ser contemplados como *sinais da era messiânica*. Deste

25. Cf. GALLARDO, C.B. *Op. cit.*, p. 92.

26. Cf. SOARES, S.A.G./ JÚNIOR, J. L.C. *Op. cit.*, p. 261.

27. PALLARES, J.C. *Op. cit.*, p. 128.

28. Cf. GALLARDO, C.B. *Op. cit.*, p. 156.

modo o *signal* da multiplicação dos pães deve ser interpretado assim: “a intervenção de Jesus como pastor transforma a fome/escassez em saciedade/abundância. Com isso, Jesus quer fazer os discípulos compreenderem que ele é o Messias”²⁹. Ele vem com alcance universal: vem para saciar judeus e pagãos.

O messianismo de Jesus, porém, não se enquadra dentro de uma visão triunfalista. A compreensão autêntica da identidade de Jesus está sempre ligada às coordenadas da sua vida real, uma vida que o conduziu à cruz, porque assumiu o compromisso pelo resgate dos direitos do pobre. Portanto, a era messiânica não acontece de forma mágica, como puro “milagre divino”. Jesus se revela realizando as mesmas obras de Deus, porém contando com a colaboração humana, sem conotações populistas nem sob a figura de herói. Pelo contrário, Jesus se manifesta como Messias-servo³⁰.

Se os discípulos não permanecessem com o “coração endurecido” e tivessem superado a lógica dos “fariseus e de Herodes”, teriam compreendido a respeito dos pães e saberiam que a partilha do que se tem – mesmo que seja um *único pão* –, de forma organizada e fraterna, seria suficiente para uma vida de fartura. Este é o sentido que se pode deduzir pela ênfase dada por Jesus à memória das multiplicações dos pães (Mc 8,18c-21), onde o narrador ressalta o paradoxo entre a escassez inicial e a abundância final, com a indicação do gesto da partilha para grande número de pessoas:

| <i>“E não lembrais</i> | |
|---|---|
| (1ª multiplicação dos pães) | (2ª multiplicação dos pães) |
| <i>quando parti os cinco pães entre os cinco mil,</i> | <i>Quando os sete entre os quatro mil,</i> |
| <i>quantos cestos cheios de pedaços levantastes?”</i> | <i>Quantos cestos cheios de pedaços</i> <i>levantastes?”</i> |
| <i>Dizem-lhe: “Doze”.</i> | <i>/ E dizem-lhe: “Sete”.</i> |
| | <i>E dizia-lhes: “Ainda não</i> <i>compreendeis?”</i> |

Os detalhes das duas multiplicações expostos nestes versículos devem despertar a memória dos discípulos porque eles têm, de maneira especial, a responsabilidade de pregar aos povos o que eles viram junto a Jesus e possibilitar caminhos de vida digna, com base na justiça e na fraternidade. “Com Jesus se alcançou a plena consciência da fraternidade humana [...]. A mera satisfação pessoal da fome sem tomar em consideração os demais irmãos seria quebra da fraternidade. O homem não quer apenas matar a fome e sobreviver de qualquer maneira [...]. O pão cotidiano produz a parca e necessária felicidade da vida. Toda felicidade para ser felicidade precisa comunicar-se e ser

29. Cf. SILVA, Airton José. O relato de uma prática. In: *Estudos Bíblicos*, n. 22, 1989, p. 17.

30. Cf. CNBB. *Caminhamos na estrada de Jesus*, p. 43s.

compartida. Assim é com o pão: o pão humano enquanto é pão repartido e feito laço de comunhão. Então traz felicidade e sacia a fome humana”³¹.

O gesto de Jesus de partilhar o pão “foi particularmente meditado no contexto preciso da celebração eucarística [...], foi seu gesto *derradeiro* (cf. Mc 14,22-25), isto é, aquele que, em última análise, faz conhecer quem ele é”³². Chega-se, então, ao sentido culminante dado ao “*pão único*”. Jesus se revelou como aquele que alimenta os povos e proporciona relações de justiça e igualdade entre todas as pessoas³³: é aquele que indica o caminho da plenitude de vida, sem acepção de pessoas. Ele é o “pão sem fermento” que se encontra no meio dos seus seguidores, em contraste com o “pão fermentado” dos fariseus e de Herodes.

Vai ser no contexto da última Ceia que se chega à luz da plena compreensão do “*pão único*”. Todas as histórias de comida/conflito, relatadas ao longo do evangelho de Marcos, culminam na última Ceia (14,17-25). É aqui que se percebe nitidamente a relação íntima entre o pão partilhado e o corpo de Jesus. Em 14,22, pelo uso dos verbos “tomar, abençoar, partir e dar”, Marcos “retoma a maneira em que Jesus atuava com a distribuição do pão e peixe em 6,41 e 8,6-7”. Após a manifestação da *incompreensão dos discípulos* em 8,14-21, Jesus passa a “ensiná-los sobre o sofrimento, morte e ressurreição do Filho do Homem em 8,31. Assim, no contexto anterior das histórias de alimentação e na própria última Ceia, Marcos reinterpreta o produto principal, pão, como morte de Jesus (corpo). Agora o enigma anterior e a má compreensão dos discípulos nas anteriores histórias de alimentações é clarificada. Em contraste com o pão fermentado, sobre o qual Jesus advertiu os discípulos anteriormente, ele é o único pão sem fermento, do qual todos eles compartilhavam”³⁴.

O mesmo *pão econômico* torna-se *pão eucarístico*. Reflete E. Dussel: “No pão está objetivada a vida do trabalhador, seu sangue, sua inteligência, seu esforço, seu amor, sua alegria, sua felicidade, o Reino [...]. Para que esse pão se torne o próprio ‘corpo’ do ‘Cordeiro imaculado’ tem que ser pão de vida, pão que tenha saciado, alimentado, negado a negação da morte, da necessidade, da dominação, do pecado; pão de justiça [...]. O pão que é comido dá a vida em sua própria destruição, em seu consumir-se, em sua negação. A morte do pão é a origem da vida do que o recebe. Jesus é o ‘pão da vida’”³⁵.

6. Na trilha da esperança

Iniciei este artigo expondo, em linhas gerais, a realidade do povo em que estou inserido: a região serrana de Santa Catarina. Os desafios enfrentados, no dia-a-dia, junto a estes irmãos e irmãs, impulsionam à busca de caminhos novos que signifiquem esperança e vida digna para todos. Eis a principal motivação objetiva que sustenta a escolha do texto de Mc 8,14-21, com o tema da *incompreensão dos discípulos*. As situ-

31. Cf. BOFF, Leonardo. *O Pai-Nosso*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 94.

32. Cf. SOARES, S.A.G./JÚNIOR, J. L.C. *Op. cit.*, p. 263s.

33. Cf. BOFF, L. *Op. cit.*, p. 93.

34. Cf. TEIXEIRA, C. *Op. cit.*, p. 158.

35. DUSSEL, Enrique. O pão da celebração. In: *Concilium*, n. 18, 1982, p. 76-88.

ações adversas que nos defrontamos no dia-a-dia exigem reflexões e posturas sempre renovadas. As comunidades cristãs, desde os seus primórdios, são chamadas a viver em atitude de contínua vigilância. Os sistemas oficialmente constituídos tendem a estabelecer princípios e leis que norteiem a economia, a política e a religião na direção dos interesses de grupos dominantes. São princípios e leis cujo objetivo, nem sempre evidente à primeira vista, é manter as pessoas na ignorância, no temor ou na indiferença. As consequências disto, estas sim bem evidentes, são multidões de seres humanos expropriados das mínimas condições de vida.

É papel dos animadores das comunidades alimentar em si próprios e despertar em todas as pessoas de boa vontade a consciência crítica, a fim de que as ovelhas não fiquem à mercê dos lobos. Estas “ovelhas sem pastor” (cf. Mc 6,34) carregam potencialidades adormecidas que, quando acordadas e organizadas, produzem novas relações com frutos de vida com dignidade.

Manter-se atentos e empenhados neste compromisso no meio de permanentes conflitos não é tarefa fácil. Muitas vezes vão-se embora a lucidez e a ousadia para dar lugar a dúvidas e ao desejo de “fazer o seu próprio ninho” e acomodar-se. O imperativo é “voltar às fontes”. Nelas recobra-se o alento para trilhar o mesmo caminho apontado pelo Mestre de Nazaré que se faz permanentemente pão de vida no meio de nós. Faz-se Pão-Corpo nas pessoas, grupos e comunidades que se afirmam como sujeitos históricos, engajados na defesa e promoção da vida digna sem exclusões. Jesus faz-se Pão-Palavra-Memória lida, atualizada e celebrada em comunidade. Faz-se Pão-Coragem pela superação do medo, da submissão, da resignação, do machismo, da dominação, da violência, do autoritarismo. Faz-se Pão-Fraternidade na superação dos preconceitos e barreiras que separam pessoas, grupos, povos. Faz-se Pão-Organização-Movimento-Esperança. Pão-Cidadania, Pão-Amizade-Acolhida-Amor.

Celso Loraschi
R. Zulmira da Conceição, 57
Bairro São Pedro
88501-010 Lages, SC